



SILVA, Fabio Mario da; CHAVES, Vania Pinheiro; FERREIRA, Francisco Melo. Apresentação: cultura popular, cordel e xilogravura. **Revista Épicas**. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 3-7. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7>

APRESENTAÇÃO: CULTURA POPULAR, CORDEL E XILOGRAVURA

Fabio Mario da Silva (UFRPE)
Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)
Francisco Melo Ferreira (CLEPUL)

Os textos reunidos neste número da *Revista Épicas* constituem o dossiê *Cultura popular, Cordel e Xilogravura* e resultam, na sua maior parte, de comunicações apresentadas nas II^{as} Jornadas Internacionais de Literatura de Cordel e Xilogravura, que se realizaram em Serra Talhada e Triunfo, entre 22 e 25 de agosto de 2023.

A primeira edição destas Jornadas Internacionais decorreu em dezembro de 2021 em Portugal, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e em Querença (Loulé), na Fundação Manuel Viegas Guerreiro. Essa iniciativa constituiu uma homenagem a João David Pinto-Correia, especialista em Literatura Tradicional com grande interesse pela Literatura de Cordel e que foi o último Diretor do Centro de Tradições Populares Portuguesas (CTPP) “Prof. Manuel Viegas Guerreiro”. O CTPP passou a integrar, a partir de 2012, o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL), de que é hoje a Linha de Investigação de Tradições Populares e Literatura Tradicional “Prof. Manuel Viegas Guerreiro”, que organizou as Jornadas em conjunto com a Linha de Investigação Brasil: Literatura, Memória e Diálogos com Portugal. O interesse destes grupos de investigação por este tema vinha de longe, tendo dado origem em 2003 a umas Jornadas com o título *Literatura de Cordel: voz e escrita populares* e a uma importante exposição sobre *Literatura de Cordel património Luso-Brasileiro*.

Logo no final das Jornadas de 2021, o Professor Fabio Mario Silva, membro da Comissão Organizadora, anunciou a intenção de realizar uma nova edição da iniciativa desta vez no Brasil, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), onde leciona. Recolhendo uma série de apoios, as II^{as} Jornadas Internacionais decorreram em 2023 reunindo um número significativo de investigadores e participantes. O tema da xilogravura foi incluído na nossa proposta devido a sua forte ligação com o cordel nordestino, em especial no interior de Pernambuco, onde se encontra a principal referência de artista, J. Borges. Lembremo-nos de que a xilogravura tem origens que remontam à China, há mais de um milênio e meio, e de que serviu para ilustrar orações budistas, tendo passado para o Japão e para a Europa. Ao chegar, posteriormente, ao Brasil, a arte da xilogravura e suas diversas técnicas de gravurar serviram para ilustrar livros, jogos de cartas, panfletos, volantes de cordel e ajudaram também na criação da tipografia. A xilogravura passou por um declínio até ser retomada, no começo do século XX, pela arte considerada erudita, que se inspira nos traços da xilogravura, a exemplo de alguns desenhos de Lasar Segall. Mas é com o folheto de cordel, principalmente no nordeste brasileiro, que essa arte se desenvolveu, mais recentemente, com afinco, garantindo para essa região do Brasil a condição de talvez única continuadora “no século XXI da mais antiga forma de transmissão de saber da humanidade: a divulgação da informação pelo processo rítmico-mnemônico das palavras” (José Ramos Tinhorão. *Cultura Popular*. São Paulo: Ed. 34, 2001, p. 85).

Para além da importância das comunicações apresentadas, as Jornadas foram uma experiência inesquecível que permitiu a imersão no ambiente que faz com que o Cordel seja uma manifestação cultural do povo bem viva e dinâmica nesta região do Brasil. Foram múltiplas e ricas as atividades, entre elas a visita ao sítio Passagem das Pedras, onde nasceu Lampião, a Mostra de Literatura de Cordel, que incluiu “folhetos portugueses da coleção de Arnaldo Saraiva” e trabalhos resultantes de uma parceria entre a Université de Poitiers e a Universidade Federal de Sergipe, as apresentações de cordelistas, o espetáculo do grupo de dança de xaxado *Cabras de Lampião*, o lançamento de vários livros sobre Literatura de Cordel e a representação teatral, *A chegada de Lampião ao Inferno*, para além de uma visita guiada ao Museu do Cangaço. Em Triunfo houve a oportunidade de visitar o Museu do Careta e de assistir ao lançamento de um Cordel da *raper* Jéssica Caetano.

Os textos que aqui se apresentam têm abordagens muito diferentes e originais do tema do Cordel e da Xilogravura. O artigo “Poderosas do Sertão – do Cordel à tela de cinema”, de Renata Junqueira, traz para primeiro plano o papel das mulheres nas narrativas dos sertões na literatura de cordel e no cinema brasileiro em que, muitas vezes, surgem como personagens secundárias. No caso do cinema, refere a importância do papel das mulheres nos filmes de Glauber Rocha. Analisa igualmente o papel de Maria Bonita, companheira de Lampião, em dois folhetos de Cordel e na curta-metragem de Benjamin Abrahão Botto, realizado em 1937, junto do grupo de cangaceiros de Lampião. A autora salienta o protagonismo de Maria Bonita no filme e nas narrativas de Cordel, que terá aberto o cangaço a outras mulheres. Também analisando uma figura central do cangaço, Arusha Kelly Carvalho de Oliveira, em “Lampião, vingador do povo: uma análise dos cordeis sobre

o cangaço” mostra como a figura de Virgulino Ferreira da Silva (1888-1938), cognominado de “o rei do cangaço”, foi no mais das vezes heroicizado nos folhetos de cordéis brasileiros. Com essa constatação, feita a partir da citação de trechos de cordéis sobre o tema, são apresentados e comentados aspectos sociais, históricos e culturais que ajudam a explicar a heroicização de Virgulino. Por fim, José Ferreira Júnior toma a figura de Lampião, através dos cordéis, procurando mostrar o cangaceiro como sujeito de uma temporalidade e atuante em uma específica espacialidade: os sertões nordestinos, num texto intitulado “O Lampião histórico numa narrativa cordelística”. A intenção do autor é revelar como em grande parte das narrativas lampiônicas prevalece a folclorização em detrimento da História.

Num registo diferente, Francisco Melo Ferreira, no artigo “Deambulações geográficas pela Literatura de Cordel em Portugal”, analisa a distribuição geográfica dos Livros de Cordel constantes em dois importantes catálogos portugueses e compara-a com a distribuição de impressão e de venda em Portugal no final do século XIX. Na senda da literatura produzida na Europa, Salette Aparecida Franco Miyake compara o romance *A Dama das Camélias* (1848) e sua adaptação para teatro (1852), ambos de autoria de Alexandre Dumas Filho, com a versão em cordel (2010), produzida por Evaristo Geraldo, apontando algumas características intertextuais para além das semelhanças.

No artigo “Retratos em papel e madeira: Antonio Conselheiro na xilogravura e no cordel”, Laura Muriel Costa, estuda a forma como Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos são representados em dois folhetos de cordel, quer em termos de análise textual, quer nas xilogravuras das capas. Utilizando ferramentas de análise semiótica, a autora conclui que, apesar das diferentes posições dos dois folhetos quanto à Guerra de Canudos e aos seus participantes, ambos consideram Antonio Conselheiro como a figura central dos acontecimentos.

Dois artigos estabelecem conexões entre tradições de Portugal e do Brasil que se entrecruzam na expressão do Cordel. Edson Santos Silva, da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, no artigo “Entre Enganos d’alma e Didascálias: breve ensaio cênico para Inês de Castro”, fixa o texto da notável apresentação que realizou no Teatro Guarany em Triunfo, no decorrer da 2ª Jornadas Internacionais, dando voz à lendária personagem Inês de Castro, “para a produção do jogo cênico no qual a cultura lusitana dialoga com a nordestina.” Para tal, baseia-se em três obras: [1]o livro de cordel *O caso de Pedro e Inês: Inês (quecivel) até o fim do mundo – ABC de literatura*, de Francisco Maciel Silveira, [2] alguns poemas de Natália Correia e [3] a canção *Assum Preto*, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga. Por sua vez, António Augusto Nery faz uma curiosa comparação entre personagens do Diabo no artigo “Entre o Diabo da Igreja e o Diabo Português: O Diabo do Cordel”. O autor estabelece um paralelo entre expressões de religiosidade popular portuguesa ainda vivas sobre a figura do Diabo, que se podem aproximar da sua representação no Cordel brasileiro, “que se opõem consideravelmente à forma como as instituições religiosas mais tradicionais difundiram e difundem a figura demoníaca”.

No artigo “Literatura de cordel e ensino: propostas de leitura”, Maria do Socorro Pinheiro apresenta propostas de leitura de cordéis de três poetas cearenses para análise e discussão em sala de aula, na

perspetiva de “que a leitura de cordéis no ambiente escolar desperte no(a) leitor(a) o interesse pela cultura popular, pela oralidade, pela memória, e que haja respeito e valorização das tradições.” O texto utiliza conceitos de autores como Bachelard (1988, 2001), Pinheiro (2012), e Zumthor (1997) para refletir em torno da leitura da literatura de cordel e do seu papel na aprendizagem. Por seu turno, Stélio Torquato Lima, no ensaio intitulado “Um show man chamado Santaninha”, apresenta informações sobre a vida e a obra do rabequista potiguar João Sant’Anna de Maria (1827-1883?), conhecido como Santaninha, revelando marcas da sua proteção poética, em que se destaca sua condição de “poeta-repórter”.

Vania Pinheiro Chaves, no artigo “Antônio Carlos Magalhães e a História do Brasil nos Cordéis de Jotacê Freitas”, estuda oito folhetos do cordelista Jotacê Freitas em que este analisa a atividade do político baiano Antônio Carlos Magalhães. A autora resume a biografia do cordelista baseada, entre outras fontes, numa entrevista que lhe fez. Ao longo da análise dos folhetos, vai fazendo um paralelo entre os vários episódios da atividade do político referido enquadrando-os na História do Brasil. A autora conclui “que Jotacê Freitas faz parte do grupo de poetas que atualizou a literatura de cordel e abandonou a visão de mundo conservadora, a ideologia reacionária, dos cordelistas e cantadores nordestinos do passado.” Já Rodrigo dos Santos Dantas da Silva nos apresenta um cordel capixaba intitulado “O vampiro lobisomem de Jacaraípe” (2005), de Clério Borges, poeta e trovador, cordel analisado a partir da ótica dos estudos que envolvem a Teoria do Imaginário, de Duran.

A influência do Cordel faz-se sentir para além da sua forma específica de expressão poética. É o que aborda o texto “Marcas e procedimentos da Poesia Popular na Obra de João Cabral de Melo Neto”, da autoria de Fabiane Renata Borsato. A obra do poeta é observada do ponto de vista “da análise de traços, formas e procedimentos” da poesia popular que estão presentes na sua poesia. A autora descreve e comenta aspectos de poemas de João Cabral em que identifica processos da poesia popular. Um conceito referido é o de *antilirismo*, salientando a autora “o empenho do poeta na criação de um projeto de poesia que possua ancoragem na realidade social e adesão à poesia em que o poeta não aparece na obra, evitando falar de si e de sua individualidade para dar lugar a mitos, lendas, à linguagem e às necessidades da comunidade com que se identifica”, como acontece na poesia popular.

Presente na obra de cordelistas e de poetas “eruditos”, a Literatura de Cordel pode ainda impregnar a vida quotidiana de uma cidade, como é descrito no artigo intitulado “São José do Egito, um Enclave Poético no Sertão do Pajeú”, de Maria do Socorro Almeida. Nas palavras da autora, em São José do Egito “toda população vive em consonância com a essência poética, a começar pelas escolas, cujo currículo valoriza o cotidiano sertanejo através da poesia popular, uma maneira de reconhecer e dar motricidade à cultura que está em todos os cantos do município.” O artigo descreve a região do Sertão do Pajeú, as raízes poéticas desse “berço” da poesia, apresentando diversos exemplos da arte dos seus poetas, chegando até às novas gerações e incluindo vozes femininas. A autora reconhece a dificuldade do trabalho, “falar da poesia no Sertão do Pajeú não é uma tarefa fácil uma vez que a poesia pulula em todos os espaços e famílias compostas, em sua maioria, de poetas”, que, mesmo não sendo exaustivo, traça um retrato que desperta a curiosidade para conhecer

melhor a cidade e a sua poesia. Seguindo o caminho da cidade poética do Pajeú, Fabio Mario da Silva em “São José do Egito, berço da poesia popular. Breves notas sobre a Festa de Louro” fala-nos como a cidade virou mote para os seus poetas e suas poetisas e da importância da Festa de Louro para a manutenção e projeção da poesia popular no cenário cultural sertanejo e brasileiro. Ariane da Mota Cavalcanti se debruça sobre um folheto da multifacetada artista triunfense Jessica Caitano, refletindo sobre a condição feminina da mulher sertaneja, repensa o seu lugar a partir de um trabalho doméstico não remunerado e subalternizado na conjuntura geográfica do Sertão do Pajeú, no artigo intitulado “Jéssica Caitano e o cordel no Pajeú: mulheres rurais e ‘outra’ colheira do trabalho”. Completando o ciclo de textos sobre poetas e poetisas do Pajeú, Veronica Sobral Almeida Amaral e José Hélder Pinheiro Alves analisam a obra *Vitória Régia*, única publicação da poetisa pernambucana Carmem Pedrosa, revelando as temáticas e os procedimentos predominantes adotados pela autora, na construção dos poemas, num resgate importante dessa poetisa desconhecida pelo público.

O dossiê encerra com um artigo de uma grande especialista na literatura de cordel, Ria Lemaire-Mertens, que, em “Ancestralidades”, questiona a maneira como a academia vê o folheto de cordel e propõe uma nova abordagem. A estudiosa denuncia o preconceito ideológico da superioridade ocidental eurocêntrica, cujo fracasso e violência hoje em dia se manifestam em todos os níveis do mundo globalizado e que serviu “no passado, para propagar uma visão do folheto de cordel nordestino como sendo o produto arcaico e em vias de extinção da alma pura, primitiva, espontânea da Nação brasileira, uma *literatura popular – pré ou para-literatura – de poetas incultos e analfabetos*”.

Na sessão Relato de Pesquisa, a poetisa, ativista cultural e integrante do grupo musical “As Severinas”, Isabelly Moreira, fala sobre o seu projeto “Oficina: A Voz da Poesia” desenvolvido em escolas, presídios femininos e com mulheres do campo no sertão do Pajeú.

Esperamos com este dossiê deixar um testemunho da riqueza das II^{as} Jornadas Internacionais de Literatura de Cordel e Xilogravura. Como afirmava Manuel Viegas Guerreiro, na sua obra *Novos Contos Macondes*, referindo-se ao contador de histórias maconde mestre Alicududa: “Do prazer de o ouvir não pode o leitor gozar, mas leia o que vem adiante, que não perderá talvez todo o seu tempo.” (*Novos contos Macondes*. Lisboa: Junta de Investigação Científicas do Ultramar, 1974, p. 12).